

*Discurso proferido pelo Prof. Vicente de Sampaio Lara por ocasião da Sessão Solene da Congregação realizada na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no dia 14 de maio de 1958, em memória do saudoso Prof. Pedro Egidio de Oliveira Carvalho*

Magnífico Reitor

Sr. Diretor e Colenda Congregação

Exma. Sra. D. Rachel Egidio de Carvalho

Exma. Sra. D. Clarisse Setubal de Carvalho

Senhoras e Senhores

Nesta magna sessão em que a Faculdade de Higiene e Saúde Pública, busca reverenciar a memória de um dos seus mais proeminentes mestres, Pedro Egidio de Oliveira Carvalho, não vou ocupar a vossa atenção com um discurso apologetico em moldes acadêmicos, nem deter-me em análise minuciosa e entediante de sua portentosa operosidade professoral. Tentarei evocar apenas a figura humana e espiritual daquele dileto amigo que inopinadamente, e, cedo demais, deixou a nossa companhia, alanceando fundo os nossos corações.

Dêle relatar-vos-ei tão somente aquilo que é passível de ser evocado: o seu físico, a sua maneira de sêr, a sua infância, mocidade e maturidade, as suas realizações e os ideais que acalentou. Será, assim, uma revoada de recordações e de saudades.

Êle partiu tão súbitamente que nem tempo houve, para, de viva voz, lhe dizermos o último adeus e testemunhar-lhe mais uma vez o quanto lhe queríamos bem.

E a enternecedora afeição que nos ligava é que faz que continuemos até agora e até sempre a vê-lo, com os olhos do coração, a todos os instantes, nas salas, nos anfiteatros, nos corredores, enfim, em tôda a parte, enquanto que, com os olhos reais, desgraçadamente, não o percebemos mais em lugar algum...

☆

Os seus ancestrais paternos entroncavam-se em velha estirpe bandeirante, naturais do norte do Estado. O seu avô veio para São Paulo, cursar a Faculdade de Direito, e não mais regressou à terra de nascimento. Com o avançar do tempo, êle não só se tornou eminente jurista como participou ativamente das lutas políticas, em cujo cenário também se projetou, vindo a ser um dos membros mais relevantes do antigo Senado paulista.

Pela ascendência materna tinha suas costelas lusas. Seu avô, recém-chegado de Portugal, fixou-se para sempre em Tatuí, onde constituiu família e abraçou-se de todo, ufano-se com justo orgulho da nova Pátria adotiva.

Um fato pouco conhecido é o de que, de início, ele não se assinava Setúbal que fadado à glória, veio a tornar-se um apelido ilustre, que pode avocar a si a nobreza dos melhores pergaminhos.

A razão dessa adoção é que havia na cidade outro patricio, homônimo seu, e o povo para distingui-los começou a chamá-lo de o Oliveira de "Setubal", local de onde era originário, daí ver-se obrigado a ajuntar ao seu sobrenome mais o nome de sua terra natal.



Ao nascer, em agosto de 1909, não teve Pedro Egydio o seu primeiro banho em bacia de ouro para em seguida ser envolvido em alfaias, plumas e rendas. O seu lar era pobre, muitos irmãos já o tinham precedido no tempo, e o luxo aí não tinha acolhida. As mãos que lhe iam prestar os primeiros cuidados eram maltratadas pelo trabalho, mas haveriam de, sábia e dignamente, modelar a sua alma e o seu caráter para torná-lo o homem que saberia despertar a admiração e o respeito de todos os que com ele viessem a conviver.



Desde criança foi um estudioso insaciado. Vivia aferrado aos livros, e, dentre as matérias, foi sempre a matemática a de sua predileção. Os primeiros estudos foram feitos em Grupo Escolar. A seguir, matriculou-se no Ginásio do Carmo, onde chegou até o término, distinguindo-se entre aqueles que melhor se classificavam.

Nos dois meses que se seguiram à conclusão dos preparatórios as horas do dia e da noite foram poucas para o preparo ao exame de admissão à Faculdade de Medicina. Chegada a época dos vestibulares foi-lhe mandado fazer o primeiro terno de calças compridas e sua inscrição feita com a ressalva que a lei exigia, pois só em agosto, isto é, seis meses mais tarde completaria ele dezesseis anos.

O costumeiro triunfo corou as provas prestadas, e daí em diante, colocando-se sempre entre os melhores, cursou as séries regulamentares e aos 21 anos terminava o seu curso médico.



Sua estatura era meã. Atarracado de corpulência; engordara e encanecera rapidamente nos últimos tempos, a ponto tal que parecia, para os que lhe eram estranhos, homem de idade provecta.

Cabeça e tronco vergados pelo hábito incessante de estudo. Testa ampla e vincada. Nariz curto e queixo autoritário. Rosto pálido, taci-

turno, de jôgo fisionômico pouco expressivo. Olhos profundos, armados de lentes potentes de míope. Riso levemente desdenhoso. Voz clara, enérgica e bem timbrada. Mãos desasadas; dedos amarelecidos pelo fumo. Ventre volumoso. Tinha um caminhar desengonçado, de passos curtos e algo vacilante em consequência de uma hernia que terminantemente se negava a operar.

As características físicas não davam assim medida do titan que na realidade era, do gigante que sabia ser nos domínios da inteligência e da energia.

Não era e não se considerava um Apolo. Fazia praça até de seu desaprumo.

Não tinha outra vaidade senão a de não ter nenhuma.

O direito do anzol é de ser torto.



A desídia com que êle cuidava das suas roupas, constituia uma das suas mais típicas peculiaridades.

Elas eram meticulosamente mal tratadas. Reclamavam a altos brados pelo tintureiro e pelo ferro de passar. E isso desde menino.

Os ralhos, as reprimendas, os apêlos e as exortações, a princípio da mãe e mais tarde da espôsa e da filha, nada conseguiram. Foi sempre arreminado e renitente à decepção que êsse desmazêlo pudesse causar aos seus entes queridos.

Agora que andam em moda as listas dos dez mais, êle certamente disputaria o tôpo daquela que se organizasse em relação aos dez menos.

Os paletôs trazia-os enjorcados e os seus bolsos viviam enfunados como verdadeiros surrões pejados de massarocas de jornais de muitos dias, lenços que pelo seu tamanho lembravam os não menos famosos de Alcobaça, provisões de fumante inveterado, pencas e mais pencas de chaves e uma congerie dos mais absurdos objetos.

O colete, nota de suprema elegância da geração antiga e obsoleta para a da atual, era peça indispensável de sua indumentária. Não usava a não ser de casemira e não a dispensava mesmo nos dias mais tórridos.

As calças não podiam ser mais amarfanhadas, e sistematicamente deixavam à mostra as meias despencadas sôbre os sapatos, que, desnecessário é mencionar, raramente se mostravam engraxados.

Em suma, era um modêlo vivo de como não se devia vestir, principalmente para aquêles que têm a preocupação do culto da exterioridade.

Houve, na velha França, um presidente, Armand Fallières, que se celebrizou ante o espírito irreverente do seu povo pela negligência de suas vestes.

As chufas e os doestos do povo, as críticas e as ironias dos jornais, das revistas e dos teatros eram sem número e o sarcasmo sem limites. Havia mesmo alfaiates que, em suas montras, exibiam caricaturas do Chefe do Governo, desprimorosamente enroupado, comprometendo-se a servir aos seus clientes de maneira completamente oposta.

Conta ainda a crônica, que as chapelarias, as camisarias e as casas de calçados ao exporem os seus respectivos artigos anunciavam serem êles inteiramente diversos dos que eram usados por Fallières, e acrescentavam se “Mr. Le Président” passasse a usar aquêles modêlos transformar-se-ia em novo Petrônio ou em outro Brumel.

Contudo, isso não impedia e não impediu que o eminente político gaulez se mantivesse à altura do cargo que lhe foi outorgado e revelasse o estôfo de real homem de Estado.

Não precisava ir buscar tão longe um símile para a incúria no trajar. Entre nós temos inúmeros exemplos. Eis alguns dêles que me ocorre citar: Floriano Peixoto, o consolidador da República, tanto enfarpelado em seu uniforme de gala como ajanotado em seus trajes civis, era a displicência vestida. Euclides da Cunha, o expoente máximo de nossas letras, nem em suas andainas de ver a Deus poder-se-ia chamar de peralvilho.

E que dizer do velho Capistrano de Abreu, de erudição assombrosa sôbre as questões de nossa formação histórica?

Alguém que me ouve poderia, neste momento, me interpelar: será que o antigo catedrático de Química da Faculdade de Medicina não poria todos êsses e quantos mais fossem lembrados *nos chinelos?*

Assim acontecia com o nosso Pedro Egidio: se na realidade não era um árbitro da elegância, o que é uma questão de somenos, moralmente sabia ser um portento de energia, de decisão e de autoridade.



Na intimidade valia-se de um palavreado todo especial em que expressões em nada policiadas eram freqüentes e o mesmo acontecia com os gestos, de que abusava com ênfase tôda pessoal.

Era uma de suas excentricidades, um dos traços que o definiam.

Em público, embora não fôsse um escravo da etiqueta, a sua atitude era de recato e sobriedade. Jamais o seu linguajar conhecia destempero ou maculava os ouvidos, por mais puritanos ou convencionais que fossem.



A mocidade é, para todos os povos, em tôdas as latitudes e longitudes, uma fase de ardente exuberância e de entusiasmos incontidos, verdadeira exaltação pagã da vida.

Nesta eclosão de florescência, onde tudo canta e exulta e os anseios se pluralizam, é compreensível que alguns jovens sintam as vistas encandeadas e deixem-se arrebatados pelas aventuras defesas e por vêzes provem as alucinações dos sentidos. Os amávios são muitos e as seduções de todos os instantes. Difícil é, então, não pecar... As exigências da ascese cristã serão preocupações de dias bem mais remotos.

Ora, aconteceu que Pedro Egydio, em determinada fase de seus verdes anos, cometeu as extravagâncias às quais a rapaziada em geral não se furta.

Se só por um momento, aturdido, êle divisou ao longe as bordas do torvo abismo onde se precipitam e desaparecem os fracos de caráter, os infelizes acoçados pela desgraça do seu fadário, soube a tempo, resolutamente, distanciar-se, com passos seguros, para a hispida paragem da virtude e da serenidade.

Essas legítimas estudantadas causaram-lhe acerba mágua e descabida contrição, que êle, como homem de fibra que era e senhor de exagerada auto-crítica, transmudou não em jeremiadas ou imprecações estéreis, mas em pretexto para uma maneira de viver de extrema austeridade e sobriedade espartana. Converteu êsse ressentimento em ação e movimento para vida nova e melhor.

É de Chamfort o aforismo que se ajusta com precisão ao nosso inesquecível companheiro: "C'est après l'âge des passions que les grandes hommes ont produit leur chef d'oeuvres, comme c'est après les eruptions des volcans que la terre est plus fort".

Bem haja os que assim souberam errar...



Talvez coubesse rememorar-vos que nos atribuem sermos um povo triste, e que essa suposta tristeza é assunto de interminas contendas.

Pretendem incriminar Bilac como um dos responsáveis por êste discutível conceito, por ter êle definido, em formoso verso, a nossa música como "Flôr amorosa de três raças tristes".

A êle não cabe a culpa. Senão, vêde: Em uma conferência que proferiu sobre "A tristeza dos poetas brasileiros" inicia irônicamente dizendo que "os críticos quando estudam a nossa literatura poética, nunca deixam de armar-se não só de um conta-sílabas, mas também de um conta-lágrimas...". E revendo os labores dos nossos buriladores de rimas através dos tempos glosa: "Os poetas brasileiros são tristes, sim! Mas não porque sejam homens tristes. São tristes porque são poetas. São tristes todos os homens que sabem sentir e pensar".

E arremata: "Os poetas são estuários, em que se vêm confundir as torrentes de idéias e de sentimentos que agitam as idades; são espelhos, em que se veem refletir e concentrar os feixes de raios ardentes em que se abrasa e consome o Ideal humano. E, como o mundo será sempre

triste, porque a vida será sempre um mistério, também os poetas serão sempre tristes, porque serão sempre os intérpretes desta grande e dolorosa dúvida humana, desta curiosidade insaciável, desta desesperadora ignorância do que somos e do que seremos...”.

Como haveis notado o sublime aedo relacionava a falta de alegria aos nossos trovadores tão somente; não a generalizava...

Um ról de nomes respeitáveis e uma série de ensaios poderiam ser arrolados em defesa e em desfavor de nossa melancolia, que aqui é apenas invocada para melhor se interpretar o estado de alma que era habitual ao nosso saudoso colega.

Êle era um ensimesmado e muito pouco dado às expansões de júbilo. Creio mesmo que estas paredes amigas que guardam o éco de suas palavras poucas vêzes refletiram o som de gargalhadas suas.

Era um acabrunhado por excelência. Tenho para mim que o seu pesar era por conta de sua emoção, de vez que sou daqueles que adversam a tese da tristeza da nossa gente. Acresce ainda que, êle não era apenas um entristecido, era um amargurado. E essa impressão tinham os seus parentes e os seus amigos mais chegados.

A razão desta amargura não é nada fácil de ser interpretada.

Dias negros? Teve-os como todos os têm, mas conheceu em muito maior número os dias venturosos. Pode-se mesmo dizer que foi afagado carinhosamente pelas mãos do destino. Ao seu viver faltou a agitação procelosa da vida trágica dos grandes sofredores.

Desacêrtos de coração? Também não. Amou e foi amado pela mulher pela qual se apaixonou.

Malogro profissional? Sabemos que não.

Frustrações ou traumas psíquicos passados despercebidos e que tivessem ocorrido em sua infância? Possivelmente, de vez que sabemos com que freqüência se registram essas ocorrências nas primeiras quadras da vida, e que as conseqüências as mais diversas podem apresentar-se em épocas mais tardias. “O futuro é o passado que amanhece”, observou vivissimamente Teixeira Pascoais.

☆

Pedro Egydio era um emotivo e um tímido, e disso tinha tal pudor que reagia sempre contra essa disposição de espírito como se temesse que ela pudesse ser percebida por estranhos.

A sua índole era tôda bondade e o seu coração um relicário de amenidade e ternura. O homem só é mau quando jamais foi amado, ensinava Epiteto, em seu tempo e hoje, tantos séculos mais tarde, sabemos que realmente essa ânsia de afeto, êsse incontido desejo de ser querido, de sentir-se necessário, que todos nós experimentamos, maximé nas ante-manhãs de nossos dias, é uma necessidade vital plena de funestas conseqüências futuras quando não preenchida.

Ele teve a ventura suprema, a maior entre tôdas, a de ter tido uma mãe carinhosa, compreensiva e amantíssima, verdadeiro coração de santa. Tão entranhado foi o afeto que recebeu, que nunca poderia deixar de ser profundamente bom. E o carinho que lhe dedicou não podia ter sido maior. Soube ser filho extremoso como quem mais o pudesse ser.

Renan confessava que aquilatava os homens segundo o respeito que êstes tributavam às suas mães, critério que tenho verificado, em minha experiência, ser augusta verdade. A aferir-se por êste discrimine Pedro Egydio impunha-se, ao conceito de quem o julgasse, como pessoa de nobilitante inteireza moral, como realmente era.

Aliás, a veneração por essa tutelar figura, era tradição de família, que os seus membros não se pejavam em exteriorizar públicamente.

Paulo Setúbal, seu tio materno, ao ser empossado, no Rio, como membro da Academia Brasileira de Letras, logo no exordio de seu discurso, pediu, aos seus eminentes comparses, permissão para, em espírito, afastar-se por um momento daquele festivo recinto a fim de vir beijar as santas mãos de sua mãe velhinha, que naquela hora, em um bairro da nossa Paulicéia, desfiava as contas de seu rosário em intenção do filho poeta que, longe dela, era glorificado naquele instante.

Por outro lado teve a assistí-lo, como pai, um homem de pról a quem, como educador, não faltavam cultura, firmeza, compreensão e, acima de tudo, bondade.

Foi um amigo que o acompanhou e o aconselhou, desde o berço até às últimas etapas da adolescência, quando, ainda pouco idoso, transpôs as portas da eternidade.

Tendo tido a pobreza sempre em seu encalço, de balde batalhou êle para amealhar um pecúlio que garantisse a segurança econômica de sua numerosa família. Porém, muito mais valioso que dobrões legou, aos seus, notável exemplo a ser imitado, e um nome respeitável pela sua ilibada integridade moral e pelo seu alto espírito cívico.



A vida sentimental de Pedro Egydio se vinculou ao seu primeiro e único amor. Ela foi sincera e recatada. Revelaria os seus lances mais incisivos, com brevidade maior e de maneira mais sugestiva, se recapitulasse e desse as respostas pertinentes às proposições de um impávido jornalista patricio, Antonio Torres, há muito falecido, famoso pela sua verrina e temidíssimo pelos políticos do seu tempo.

Elas, dest'arte, se enunciam: "Dize-me se amas, a quem amas e como amas, e eu direi quem és".

Assim poderiam elas ser respondidas:

À primeira, isto é, "*Se amas*", diria: humano, vibrátil e sentimental não poderia êle ter tido a insensibilidade da salamandra que caminha impassível sôbre brasas em chamas. Amou e amou muitíssimo.

À segunda, vale dizer "*a quem amas*", caberia comentar: o homem não se apaixona por uma mulher qualquer, êle só se apaixona por determinada mulher que o destino nem sempre lhe reserva e que responde às suas tendências afetivas e aos seus anseios emocionais.

Mais uma vez magnanima lhe foi a sua estrêla. Êle muito cedo emparceirou em seu caminho com a eleita de seus sonhos, e ela, tôda encanto, dignidade e brandura, soube ser sublime e soberbamente mulher.

À terceira, "*como amas*", teria a afirmar: com afeição intensa, inebriante e plena de devoção e despreendimento.

Algo mais preciso ajuntar?



Tinha êle o culto, ou melhor, a mística da amizade; sua capacidade de devotamento não conhecia peias nem entraves.

Curioso que, tendo se desquitado da medicina, não tornou estranhos ao seu coração os seus amigos médicos. Pelo contrário, timbrou em conservá-los. Avêso às novas amizades, não contraiu nenhuma afeição mais extreme entre os estudiosos da matemática, embora muito os prezasse e fôsse sempre acolhido carinhosamente no meio dêles.

O sentimento de classe, êle o possuía no mais alto grau. Um exemplo entre muitos, ilustra o seu habitual procedimento: poucos meses atrás integrou a comissão encarregada de obter a reestruturação do tempo integral.

Entre as pretensões, de acôrdo com a dignidade profissional, que os colegas que labutam neste regime defendiam junto às autoridades, encontrava-se a da melhoria dos honorários que venciam. Tão exíguos eram êles, que êstes companheiros sentiam-se constrangidos dos incessantes embaraços financeiros em que se viam enredados, quando, na realidade, como exige a mais elementar moralidade, o Estado é que deveria constranger-se por recompensar tão mesquinamente os seus homens de ciência que, em seus laboratórios, porfiam para o engrandecimento do saber nacional.

Acertadamente a pretensão foi considerada de inteira justiça. Apenas iniciada a concessão pleiteada, por ironia da sorte, cerra Pedro Egydio os seus olhos, não chegando mesmo, pessoalmente, a tirar proventos dêsse legítimo direito pelo qual tanto pelejara.



A sua fé era sincera, contrita e unvida de alevantada piedade cristã.

Nasceu, cresceu, viveu e morreu dentro da religião católica como crente fervoroso e, o que mais importa, não teve sòmente nos lábios o nome de Deus, teve-o dentro do coração. Era homem de oração e de piedade.

Aceitava todos os postulados como dogmas, não procurava analisá-los e muito menos os interpretar.

Nunca se permitiu discutir qualquer artigo de fé. Quantas vezes, os que não se ajoelhavam diante do mesmo altar, tentavam debater alguns pontos que lhes pareciam passíveis de controvérsias, êle formalmente se negava a discussões.

Com o correr dos anos, afervorou-se cada vez mais à sua crença a ponto tal que ultimamente tinha, por hábito, fazer pequena prece antes de iniciar os seus estudos, rogando aos céus as luzes que se fizessem necessárias a fim de que o seu espirito, sempre ávido da verdade científica, não se extraviasse nas densas trevas das rotas falsas.

A segurança científica não lhe bastava. Algo mais se fazia necessário: a fé sem restrições e sem hesitações.



Pedro Egydio não era talhado para ser médico. Não que carecesse de entusiasmo, abnegação, altruísmo e renúncia para o exercício do sacerdócio clínico, ou que não soubesse promover a cura de um mal quando suscetível, dar lenitivo a uma dor, ou estancar uma lágrima; sacrar-se, enfim, no culto de outrem. Faltava-lhe algo que era essencial: essa dádiva divina que é a vocação.

Muito cedo se apercebeu disso, e assim que se lhe ofereceu a primeira oportunidade, renunciou, sem maior relutância, a vassalagem à nossa bem amada arte hipocrática.

O que tem de acontecer acontece na hora certa, e os fatos passaram-se da seguinte maneira:

Uma vez de posse do diploma tão ardentemente cobiçado, assaltou-o a pergunta crucial, embaraçosa e embaraçante: Onde clinicar? Depois de muito escolher, optou por Poços de Caldas, por lhe ter sido oferecido o lugar de professor em um educandário lá existente, o que lhe garantiria parte de sua manutenção nos incertos e penosíssimos primeiros tempos de clínica.

Surpreendente e extremamente significativo é que aceitou o encargo de lecionar não ciências naturais como seria logicamente admissível, mas sim as chamadas exatas ou seja as de grandeza. Entretanto, Poços de Caldas com as suas suaves serranias, com a doçura de seus vales, com a sua paisagem de balada e todos os seus encantos de estação de cura não o deslumbrou. Poucos meses aí se deteve.

Tornou, logo em seguida, a São Paulo e abriu consultório na Moóca. Como sempre sucede, nas grandes metrópoles, aos que se iniciam, o pouco que então ganhava não chegava para as despesas.

A fim de conseguir parte do que era necessário para o seu modesto viver obteve, nessa ocasião, no Colégio Stafford, um contrato e ainda, desta feita, foram as teorias dos números que lhe coube ensinar.

Foi nesse interim que, sem outras credenciais que a indicação de um colega que se impunha pelo seu alto senso de responsabilidade, e sem atividade didática anterior a não ser a do prelecionamento de matemática elementar, teve descerradas as portas desta Casa e passou oficialmente a ocupar-se de bioestatística, da qual tinha noções perfunctórias, porém, dentro em breve, mercê de seu esforço, de sua dedicação e do seu talento peregrino, tornar-se-ia uma notabilidade no País.

O destino, por linhas tortas, traçava em linhas direitas a epopéia de sua ascensão.

Até então tinha êle andado em vão a procura de si mesmo. Passava os seus dias sem se achar e portanto sem se compreender. Sabia o que não queria, mas ignorava o que desejava, até que a providencial solidariedade de um leal amigo, Walter Pereira Leser, e a aguda visão de um chefe provector, Geraldo de Paula Souza, fizeram que êle se revelasse a si mesmo.

E dessa forma, ao meio da existência, menos longe da velhice que da mocidade, uma nova vida iniciou.

Sem detença fêz a permuta simbólica e perene do estetoscópio pelo compasso, do receiptário pelo papel quadriculado e da farmacopéia pela tábua de logaritmos.

Deixou de ser médico para ser matemático.

A matemática não era apenas a ciência das quantidades, era a elucidação, a exatidão e a própria poesia; era o seu mundo real ou, com maior propriedade, o seu paraíso. E os números com os seus mais resguardados mistérios tomaram conta da sua inteligência.



Não pertenceu êle ao nosso pequeno núcleo que, orientado pelas mesmas aspirações e guiado pelos mesmos sentimentos agrupou-se, nos primórdios desta Instituição, em tórno da egrégia personalidade de Geraldo de Paula Souza.

Veio, como vimos, ajuntar-se à nossa companhia alguns anos mais tarde dessa fase que poderia ser chamada de heróica, integrando-se perfeitamente na nossa grei, e passando a viver com a mesma alegria as vitórias que íamos alcançando e amargurando com o mesmo pesar as decepções que experimentávamos.

Êle já era veterano quando, cõscios de termos atingido a nossa maioridade espiritual e julgando-nos senhores de todos os domínios das atividades que professávamos, consideramos que a nossa separação da Faculdade de Medicina — nossa célula mater — à qual nos achávamos subordinados, se impunha sem maior tardança.

Avocávamo-nos o direito de sermos um instituto universitário autônomo, em pé de igualdade com os demais, pois deixáramos de ser uma entidade contigente e transitória. A Escola de Higiene e Saúde Pública já não mais

era uma ideologia em busca de finalidade. Tinha-se convertido em esplêndida realidade. Assentamos, então, de fundir os nossos destinos num destino só.

São Paulo, ninho das bandeiras, berço de nossa independência política, trincheira permanente contra os governos despóticos, forja de nosso progresso, quis provar mais uma vez ser a terra da inteligência, anuindo em que se fundasse aqui a primeira Escola de Higiene e Saúde Pública do País.

Coube, nessa circunstância, ao grupo coeso de idealistas dar vida a este estabelecimento em que hoje nos encontramos. Não foi assim o produto de um empenho isolado. Foi a resultante de um esforço coletivo.

A transcendência deste feito, para mim, é decisiva e a sua conseqüência não pode ser ainda devidamente avaliada. Estou plenamente persuadido que, em dias vindouros, ao escrever-se a história ou apreciar a evolução da Saúde Pública no Brasil, deverá o historiador ou o cronista forçosamente considerar a criação desta Escola como um marco de particular relevância no correr dos acontecimentos a serem analisados, tal é a culminância que ela está predestinada a atingir.

Nas lides de transformação do Instituto em Faculdade, Pedro Egydio se multiplicou. A sua operosidade foi incansável e a sua contribuição notável. Conhecia de cór e salteado a legislação do ensino superior, tanto Federal como Estadual, daí a significação e a particular relevância de sua colaboração.

Nas páginas dos nossos livros de Atas, onde este velho e nobre companheiro de lutas Sebastião Pestana, omitindo por compreensiva diplomacia o calor das palavras em algumas de nossas agitadas refregas, mas sempre registrando com absoluta fidelidade os debates travados e as missões desempenhadas, encontra-se a consagração de Pedro Egydio, consagração que julgo tão grande quanto a que hoje tão justamente lhe tributamos nesta homenagem.



Possuia Pedro Egydio indiscutíveis dotes de excepcional administrador. Tinha o justo senso da medida. Aos seus olhos vigilantes não escapava nenhuma incorreção. Por diversas vezes fez parte do Conselho Técnico-Administrativo, onde revelou larga visão dos problemas a serem atendidos e colaborou com inolvidável eficiência.

Grande atividade desenvolvia ele nas sessões da Congregação. Não limitava o seu interesse aos problemas exclusivos de sua cátedra: preocupava-se com tudo quanto acontecia nesta Casa, fôsse lá no setor que fôsse. Velava para que tudo corresse em ordem, pois sabia que a harmonia do todo depende da perfeição das partes.

Longe estava de ser, como discreteava Machado de Assis, “sujeito de duas ou três palavras na cabeça e um oceano de palavras nos gorgomilos”. Falava sem venias e era exímio argumentador. Era daqueles que não se

contentam com a sua opinião, sentem a necessidade de usar tôdas as suas fôrças de persuasão, a fim de convencer os outros de sua maneira de pensar.

Ninguém como êle para purgar as objeções. Em um átimo via os pontos vulneráveis de seus opositores e com lógica serena, dicerta e convincente defendia garbosamente os seus postulados que eram sempre, ao meu sentir, aquêles que melhor atendiam ao interêsse coletivo e que, muitas vêzes, contrariando vantagens imediatas, asseguravam amplas e plenas compensações futuras.

Nutria viva ogerisa pelas soluções tangenciais, anódinas ou acomodatócias. Queria-as sempre radicais. O alvo tinha que ser colhido em cheio.

Comenta André Maurois que há três classes de homens: a maior parte fala sem pensar; alguns pensam antes de falar e outros pensam falando. Pedro Egydio pertencia a esta última categoria.

Foi membro do Conselho Universitário e de inúmeras comissões que tinham por objetivo a resolução de questões complexas e melindrosas que exigiam aguda penetração e solércia. Em tôdas elas sempre se houve com o maior acêrto e retidão possíveis.

Quiseram os fados que a Diretoria da Faculdade não lhe coubesse nenhuma vez. Em todos os pleitos em que se processaram eleições para êste honroso cargo ou para o da Vice-Diretoria, o seu nome figurou sempre na lista tríplice que cabe à Congregação enviar à Reitoria para que a escolha de um dêles seja feita. A decisão não o favoreceu em nenhuma das vêzes.



O seu espólio científico prima pela qualidade e não pela quantidade dos trabalhos. Só admitia como bom, aquilo que era excelente. Só escrevia o que realmente era original e portanto merecia ser divulgado. Publicar por publicar, tão ao gôsto do nosso meio, trabalhos comezinhos, sedições, bernardices ou frioleiras não estava no seu temperamento. Sempre foi conscio da altura, do prestígio e da dignidade de sua cátedra. Trabalhos que ficassem como realmente hão de ficar, foram os únicos que consentiu que fossem dados à publicidade.

Eis o que êle pensava a respeito: “No âmbito estatístico, poder aqui-latar a eventual originalidade científica daqueles que têm o ensino como missão primordial, constitui um sério óbice. Efetivamente, pela própria natureza e condições do seu trabalho, são êles conduzidos quase forçosamente a pesquisar o algo de novo exigido, no domínio *puramente teórico*. Ora, em um ambiente como o nosso — que é forçoso reconhecer ainda incipiente em questões estatísticas — o conseguir oportunidade para realizar qualquer coisa de inédito é tarefa que demanda não só assiduidade e perseverança no estudo, como tempo de duração dificilmente previsível. Se isto não bastasse para arrefecer o entusiasmo de pesquisadores honestos em

empreender a grande caminhada, teríamos ainda de lembrar o entrave decorrente da escassês bibliográfica que dificulta sobremodo a cada qual objetivar, de forma positiva, a convicção de originalidade que êle, em sã consciência, empresta, por vêzes, a certos resultados que consegue”.

Sua obra coronal, que lhe custara intérimos dias e noites de incessante especulação, foi justamente o último trabalho que escreveu, o que lhe deu maior satisfação e tão valioso lhe pareceu que quis traduzi-lo para o inglês, para que fôsse publicado, nos Estados Unidos, nos *Annals of Mathematical Statistics*: “A distribuição da estatística “d” de Kolmogorov-Smirnov” — foi o nome que deu a êste seu legítimo canto de cisne.



Valendo-se de sua erudição altíssima e de sua vasta e profícua experiência, que o consagrou como pontífice da bioestatística, a miúde era procurado por pessoas que o vinham consultar a respeito de dificuldades que se deparavam em trabalhos que pretendiam fazer ou estavam sendo realizados.

A todos atendia com presteza e solícitude, interrompendo as suas ocupações, por mais importantes ou prementes que fossem, e não se poupando às maiores canseiras que tais consultas lhe pudessem causar. Propiciava todos os esclarecimentos, sugestões e conselhos cabíveis, até que os consulentes sentissem dirimidas as suas dúvidas, valorizadas as suas premissas ou desvendadas perspectivas até aí ignoradas.

É preciso ter em devida conta as inúmeras teses de doutoramento e de concurso aos cargos de livre-docentes e professores catedráticos às diversas Faculdades de nossa Capital e do nosso Estado a que êle prestou luminosa e significativa colaboração.

No prefácio de muitas delas, os seus autores, reconhecidos pela sua inestimável contribuição à realização de seus trabalhos, renderam-lhe, conforme exigia a nobreza de seus caracteres, o tributo de sua gratidão e de sua admiração. Em algumas outras, nenhuma palavra sentiam-se êles obrigados a externar, que traduzisse, de público, o quanto lhe deviam, embora estivessem cientes de que, sem a ajuda recebida, nada teriam conseguido fazer.



Como didata era mestre dos mais acatados. Senhor absoluto da matéria, expunha-a com invulgar clareza e segurança. Tinha aversão aos gestos enfáticos, às tiradas de ribalta e a tudo aquilo que pudesse rentear à ênfatuação do saber.

Ensinava e não pontificava. Dissertava e não se exibia. Era homem que não se traía a si mesmo.

Autêntico chefe de escola, espírito superior e inquisitivo, soube criar reais valores, despertando e aproveitando tendências de discípulos de maior

descortínio, e com êles partilhando desprendidamente, a mãos cheias, o opulento cabedal de sua cultura. Formou, assim, uma plêiade de promissores livre-docentes que muito se recomendam à admiração de todos os desta Casa.

Coube-lhe ainda o notável mérito de ter sido o introdutor da análise estatística nas investigações experimentais em nosso País, como bem assinalou o emérito Prof. Benjamin Alves Ribeiro, em sua formosa oração, tão sentidamente pronunciada naquela comovente tarde de Janeiro, quando plan-giam os sinos os seus dolorosos dobres por finados...



Jamais conheci alguém que se desse ao estudo com maior dedicação e paixão.

O seu poder de interiorização era imenso.

Os seus problemas, as suas equações, os seus diagramas o inebriavam, o absorviam totalmente. Nêles, literalmente, se afogava de corpo e alma, alheando-se inteiramente ao resto do mundo.

A sua avidez pelo estudo era tamanha que comumente ao entrar em sua sala, precipitava-se diretamente para sua mesa, sem mesmo tirar o paletó. Parecia não ter um minuto a perder, e imobilizado em sua cadeira, de respiração suspensa, varava horas e horas até que o cansaço o chamasse à realidade ambiente.

Esquecido de tudo e de todos, freqüentemente não percebia chegar o turno regulamentar que punha têrmo à luta do dia. Indiferente à marcha dos ponteiros do relógio, permanecia no trabalho muito além do expediente. Ao tomar o caminho de volta à casa, muitas vêzes com o céu rendilhado de estrelas, era comum levar consigo os seus problemas, que o acompanhavam como se fossem sua sombra, e ao chegar lá continuava, como se estivesse em sua sala da Faculdade, a esgrimir-se com os seus números até que a rotina do lar quebrasse o encantamento do seu reino de abstrações.



Em sua mesa de trabalho, estreita e de mais de três metros de comprimento, a confusão e a balbúrdia não podiam ser maiores. Era verdadeira Babel de impressos e material de estudos. Maços e pontas de cigarros, fósforos já utilizados, montes de cinza, cinzeiros que raramente eram usados; livros, uns abertos, outros fechados, espalhados ou empilhados um pouco por tôda a parte; cadernos; correspondência aberta ou por abrir; fôlhas e mais fôlhas de papel cheias de alto a baixo de cálculos já realizados ou em vias de resolução, encontravam-se como ondas de mar revolto. E à tona dessa superfície, como destroços de um naufrágio, sobrenadavam lápis, régua, borrachas, compassos e não sei mais o que. Tinha-se a

impressão de que um maremoto havia revolvido tudo aquilo. Causava espanto ver como, ao meio de tamanha desordem, podiam ser feitos rotineiramente calculos que demandavam tanta atenção e tão sùtil seqüência de raciocínio.

Os livros que lhe serviam de estudo eram reconhecíveis à distância. Não os tratava com o carinho, com a ternura e com a religiosidade que todos, os que sabem amar a vida de espírito, têm para com êsses arqui-sagrados mananciais. Torturava-os no manuseio. Sublinhava com violência o seu texto nos pontos que lhe chamavam mais a atenção. Enegrecia as margens com tôda a sorte de anotações. Fácil seria identificar em uma estante, repleta de volumes, os exemplares que habitualmente compulsava e, nêsses, quais os capítulos que mais vêzes lia.

O corpo de delito era gritante e inconfundível.



Poucas ou pouquíssimas eram as suas distrações. Visitas às casas dos parentes que estavam mais perto do coração e, de raro em raro, idas aos cinemas e teatros era o quanto lhe bastava.

Curioso que, conhecendo os cânônes clássicos da proporção, do equilíbrio e da harmonia não demonstrasse maior inclinação pela música ou pelas artes plásticas. Sentia-se no entanto atraído pela natureza, principalmente pelo mar, que exercia sôbre êle grande fascínio.

Cultivava bastante a literatura. Dos nossos escritores, Paulo Setúbal era-lhe o mais caro; e, de tôda a sua opulenta e expressiva produção, a obra que preferia era o “Confiteor”, que se pode chamar livro de memórias e, no gênero, é um primor literário.

Nesta preferência pesava, sem a menor dúvida, a influência do seu espírito profundamente místico. Mas a predileção não era nem é exclusivamente sua. Cassiano Ricardo, ao fazer, na Academia Brasileira de Letras, o panegírico de Paulo Setúbal, confessou ter sido “Confiteor” o único livro que o fizera chorar.

Vivia assim como presa submissa do vírus matemático, arredado de diversões, de clubes e mesmo do convívio ruidoso dos amigos.

O seu lar constituia tudo quanto ambicionava. Aí tinha o encanto e a suavidade da companhia da espôsa e dos filhos. Aí também podia embevecer-se ante as partituras de sinfonias arrebatadoras em que transformava as pautas brancas, quando nos seus momentos de inspiração, com frenesí, cobria-as de alto a baixo de números, simbolos e fórmulas.

O seu espírito nada mais tinha de rabelaisiano, convertera-se em extremado beneditino.

No enlêvo dêsse ambiente teve as suas horas mais alegres, as mais felizes e as mais despreocupadas, que longe foram de ser migalhas de sonho.

Nesse mesmo lar veio Parca em sua busca, mas não sem permitir que pela última vez conhecesse, em sua brevíssima enfermidade, no carinhoso bálsamo das lágrimas, a confortadora consolação e a doçura do verdadeiro amor.



Algemado ao sedentarismo de homem de gabinete, não tinha maiores enlevos pelo fantasioso Ulisses ou pelo fabuloso Marco Polo, os protótipos dos cavaleiros andantes.

Admirava apenas os nômades intelectuais, Julio Verne por exemplo, que dando asas à imaginação e sem calçar as botas de sete léguas, cartografou, em algumas dezenas de livros, os 4 cantos da terra, tendo a sua mochila de andejo dependurada de um cabide, e sem nunca ter arredado pé de sua província.

Andanças, desejo de conhecer terras alheias, romagens aos países de grande saber, beber da fonte das fontes, tão natural em qualquer pessoa, principalmente naquelas que vivem do estudo e para o estudo, não eram sonhos que acalentasse com maior fervor.

Oportunidades se lhe ofereceram por mais de uma vez e sempre as recusou. Nem a romântica e douda Europa, nem o dinâmico e avassalador Estados Unidos o fascinaram.

Constituiu expressiva excessão entre os professores desta Faculdade; pois, de todos nós, foi o único que não teve cursos de aperfeiçoamento nos notáveis e autorizados centros científicos estrangeiros.

Qual a razão desta atitude?

Difícil ou melhor difícilimo seria dar a resposta acertada. Não havia nenhuma dificuldade insuperável de ordem material ou espiritual. Talvez, o apêgo que tinha aos seus o impedisse de colocar mares e terras entre si e eles.



Pedro Egydio era, como vêdes, uma personalidade deveras original. Era o tipo de homem que é, via de regra, mais facilmente compreendido e admirado por outro homem do que pròpriamente por uma mulher.

No entanto, desnecessário seria dizer que êle não teria, apesar de seus invulgares dotes de espírito e de inteligência, alcançado o que logrou se não tivesse a ampará-lo e a exortá-lo a extraordinária mulher que teve por companheira.

Na afirmativa de Joaquim Nabuco, só há para o homem duas fontes de inspiração: — Deus e a mulher. Pedro Egydio teve a graça dos céus de ter tido ambas. Ainda mais, a mulher não foi unicamente a espôsa, além dela ou mais precisamente, junto dela, havia também a mãe.

Compreende-se então a razão do seu êxito.



Numa cilada do destino desapareceu o afetuoso irmão em pleno dia da existência, com o sol ainda a pino não chegando a entrever o crepúsculo e muito menos pressentir a noite dos anos que amortalha a existência dos que têm longo viver.



Como acabais de ouvir êle foi: sonhador sem ter sido utópico; solitário sem ter sido misântropo; vencedor sem ter sido servil; crente sem ter sido fanático.

Conseguiu o que a muito poucos é dado, a realização do seu ideal e que o ínclito Pierre Curie, de maneira tão feliz sintetizou, no lema que assim se exprime: “Il faut faire de la vie un rêve et faire d’un rêve une réalité”.

Por essas razões, senhoras e senhores do corpo docente e discente, mantenhamos o culto dêste “doctor eximius” não somente cobrindo periodicamente de ilôres a sua derradeira morada, tão vizinha desta Casa que êle amou com a mais doce e humilde ternura filial, mas apontando o seu fecundo exemplo de homem de bem e alma de eleição, não só aos alunos que nos procurarem para abeberar-se em nosso saber e em nossa experiência, como outrossim àqueles que futuramente vierem ocupar cátedras e assumir por isso cargos de orientação e direção.

Recordemo-nos dêle e façamos que outros também dêle se lembrem. “A recordação, dizia George Sand, é perfume da alma. É a parte mais delicada e mais suave do coração, que se desprende para abraçar outro coração e seguí-lo por tôda parte”.





FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA

Curso de Médicos Sanitaristas — Turma de 1956 — Lembrança ao Prof. Pedro Egydio de Oliveira Carvalho

